



Página 5
INCLUSÃO:
Nesep promove evento de inclusão sociodigital



Página 3
SAÚDE:
Iniciativa avalia Síndrome Metabólica em servidores



Página 5
PALESTRA:
"Maio de 68" com o professor Luiz Américo



Jornal da Universidade Estadual de Santa Cruz Ano X - Nº 90 15 a 30 de junho/2008



ENTREVISTA

O Prof. Marcos Bagno (UNB), presente em evento de Linguística concede entrevista exclusiva.
Página 4.

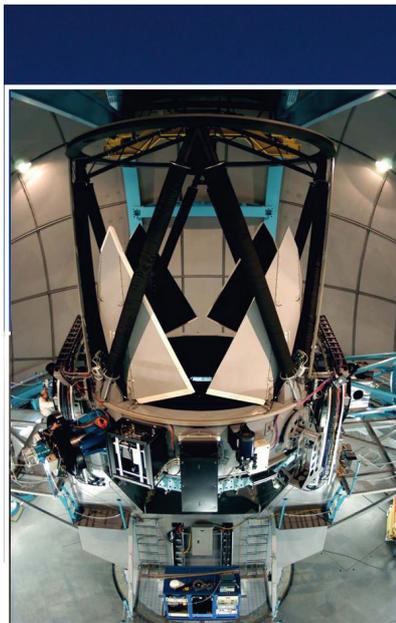


Foto: www.soartelescope.org

O TELESCÓPIO SOAR (SOUTHERN ASTROPHYSICAL RESEARCH TELESCOPE) EM CERRO PACHÓN, CHILE. NO DETALHE, VISTA INTERNA.



PESQUISA



Bromélias ameaçadas de extinção. Página 8

UESC integra conselho diretor do Projeto Soar

Com a nomeação do professor e pesquisador Henri Michel Pierre Plana para o Conselho Diretor do Projeto Soar, a Universidade Estadual de Santa Cruz passa a integrar um importante consórcio internacional na área da Astrofísica. O Soar (Southern Astrophysical Research Telescope) é um telescópio com espelho primário de 4,2 metros de diâmetro, instalado em Cerro Pachón, na região andina do Chile.

O financiamento e supervisão desse equipamento de pesquisa têm como parceiros o Brasil, representado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e Universidade da Carolina do Norte, Universidade Estadual de Michigan e o National Optical Astronomy Observatory (NOAO), dos Estados Unidos. Além do professor Plana, o Brasil tem mais dois representantes no conselho do Soar: os astrofísicos Al-

bert Bruch, do MCT/Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA) e Marcos Perez Diaz (IAG/USP).

O professor Henri Plana, do Laboratório de Astrofísica Teórica e Observacional (Lato), do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas da UESC, explica que o Brasil já participa também do Observatório Gemini, consórcio internacional que abriga telescópios gêmeos de 8,1m de diâmetro, localizados nos Andes chilenos e no Havaí. O número de noites a serem utilizados nesses telescópios é proporcional à parcela de contribuição de cada participante na construção e operação desses equipamentos, cabendo ao Brasil oito noites em cada telescópio.

De acordo com a comunidade astronômica brasileira "os telescópios Gemini são instrumentos que permitem observações de alta qualidade, mas apenas alguns projetos podem ser contemplados com esse tempo,

escolhidos dentre a grande demanda existente", informa Plana. No Brasil existem apenas alguns telescópios de 60 cm e um de 1,6m de diâmetro.

A comunidade acrescenta que "isso contrasta com a astronomia brasileira, que vem crescendo, continuamente, em cerca de 10% ao ano, havendo a necessidade urgente de expansão, através da criação de novos grupos de pesquisa no País, a serem liderados pelos pesquisadores em formação e que receberão vigoroso impulso com a concretização do Soar".

E conclui: "O telescópio Soar preencherá, certamente, a lacuna existente entre o telescópio de 1,6m de diâmetro, localizado no Pico dos Dias, em Brazópolis, Minas Gerais, e os telescópios Gemini, suprimindo a comunidade com um instrumento de porte intermediário, extremamente versátil, rápido, de ótica soberba e localizado em local privilegiado".

HISTÓRIA

A pesquisadora Mary Ann Mahony, contesta mitos com pesquisa sobre Escravidão em Ilhéus no Século XIX. Página 6



LIVRO



Um Lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau. Página 6

Editorial

VIA DE MÃO DUPLA

Favorecer os meios para aprofundar a organicidade do trabalho de extensão com o ensino e a pesquisa, por meio da integração, sensibilização e trocas de experiências entre os docentes, alunos, servidores e a comunidade externa tem sido preocupação da UESC, através da sua Pró-Reitoria de Extensão. Para atingir esse objetivo, persegue-se o aperfeiçoamento e ampliação de conhecimentos e informações no campo das metodologias voltadas para a intervenção social. Busca-se, também, criar espaço para reflexão sobre os procedimentos, identificar problemas e encontrar soluções que aumentem a eficiência e a eficácia das ações extensionistas.

A extensão constitui-se uma das funções finalísticas de uma universidade, entretanto, nem sempre compreendida, sofre rejeições e questionamentos no cenário acadêmico.

Há, por exemplo, os que se colocam contra o modelo de extensão impositiva, sob o argumento de que a universidade busca impor os seus conhecimentos à sociedade, como se somente ela fosse detentora do Saber. E tem sido exatamente esse modelo que está levando setores importantes do universo acadêmico a pensar numa extensão que não seja apenas a transferência do que é pro-

duzido na universidade, mas, sobretudo, algo construtivo para a sociedade e para a própria academia.

As concepções de extensão são várias e estão sempre postas no tabuleiro das discussões. Porém, o que nos parece indiscutível, é que a universidade brasileira não pode se omitir frente aos problemas que estão postos diante de nossos olhos no todo social. Dela tem que ser a intencionalidade efetiva de transformar a sociedade. E nessa transmutação, nada fácil pela sua complexidade, é compromisso da ação extensionista estar olhando o que acontece no entorno social e interagir com o ensino e a pesquisa na busca de solução para as questões que estão postas no contexto da sociedade brasileira.

Assim, nesta primeira década do século XXI, o conceito atual, defendido e trabalhado nas universidades públicas estaduais e federais, é o de que extensão é processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Uma importante via de mão dupla, por onde transita o imprescindível produto final destes novos tempos: o Conhecimento.



As novas orientações lingüísticas no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, ao lado de iniciativas que agreguem estudiosos que se debruçam sobre investigações de expressões lingüístico-culturais no espaço de influência da UESC, têm dado, junto a outras ações, uma dinâmica maior às atividades do Departamento de Letras e Artes da Universidade. Exemplo recente desse construir e reconstruir do DLA, nos múltiplos contextos do ensinar o idioma pátrio, foi a realização, na 2ª quinzena de maio (19 a 21), do III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino lado a lado com o I Colóquio de Lingüística, Discurso e Identidade.

Esses eventos, de natureza educativa, investigativa e cultural, atraíram mais de 500 pessoas, entre estudantes, professores da escola básica, lingüistas e estudiosos da linguagem procedentes de várias regiões da Bahia e de outras unidades da Federação. Foram três dias de intensa atividade acadêmica, com palestras, conferências, minicursos, lançamento

de livros e mesas-redondas versando sobre a sala de aula como espaço político e conflituoso, em que sujeito e linguagem interpelem continuamente os seus atores, em seu jogo de opacidades e descontinuidades.

Lingüistas de diferentes universidades brasileiras participaram das diversas atividades, entre eles, Marcos Bagno (UnB), Moita Lopes (UFRJ), Marilda Cavalcanti (Unicamp), Irlandé Antunes (UECE) e Marildes Marinho (UFMG). As professoras Marialda Silveira e Eliuse Silva, coordenadoras do seminário e do colóquio, fizeram avaliação positiva dos mesmos, não só pelo número de participantes que agregou, mas, sobretudo, pelos aspectos qualitativos das discussões realizadas e do nível dos trabalhos científicos apresentados. A prof^a Marialda disse que “o evento permitiu a concretização de um espaço de interlocução com os nossos colegas que atuam na escola básica, convidando-nos a perceber a aula de Português como o lugar da diferença e da construção de identidades”.

E-mail
ascom@uesc.br

Parablenzo a todos de sua equipe pelo excelente material e bom trabalho que é o Jornal da UESC. Atenciosamente, *Demócrito Paternostro Saback (Guido), Ilhéus (BA).*

ERRATA

Na coluna E-mail da edição 89, por erro de digitação, erramos o nome de uma das coordenadoras do III seminário de Língua Portuguesa e I Colóquio de Lingüística que é **Eliuse Silva** e não Eliane Silva.

<p>JORNAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ</p> <p>Editado pela Assessoria de Comunicação Ascom Distribuído gratuitamente</p>	<p>Telefone: (73) 3680-5027</p> <p>www.uesc.br</p> <p>E-mails: ascom@uesc.br</p>	<p>Reitor: Prof. Antonio Joaquim Bastos da Silva. Vice-reitora: Prof^a Adélia Pinheiro. Editor: Edvaldo P. de Oliveira – Reg. Prof. nº 530 DRT/BA. Redatores: Jonildo Glória e Valério Magalhães. Fotos: Geraldo Borges, Marcos Maurício e Jonildo Glória. Prog. Visual: George Pellegrini. Diagr., Infográficos/Ilustr.: Marcos Maurício. Sup. Gráfica: Luiz Farias. Fotolito: Cristovaldo Caitano, Antonio Vitor. Impressão: André Andrade e Davi Macêdo. Acabamento: Nivaldo Lisboa / Eva Damaceno. End.: Rod. BA-415, Km 16 (trecho Ilhéus-Itabuna) – CEP 45662-000-Ilhéus-BA.</p>
---	---	--

"Qualidade de vida é estar bem com você mesmo, com a vida, com as pessoas, enfim, estar em equilíbrio".

ANÔNIMO

Administração

proex@uesc.br

Pesquisa avalia a síndrome metabólica dos servidores

OS PROCEDIMENTOS SÃO REALIZADOS NO PRÓPRIO CAMPUS UNIVERSITÁRIO, SEM QUALQUER CUSTO PARA O SERVIDOR

O projeto de pesquisa "Prevalência de Síndrome Metabólica" está avaliando a prevalência desse tipo de problema de saúde entre os servidores técnico-administrativos da Universidade Estadual de Santa Cruz. Neste sentido, exames que envolvem pressão arterial, colesterol, índice de massa corpórea, glicose e outros, estão sendo realizados a fim de conhecer melhor a saúde dos funcionários da instituição e direcionar ações de atendimento à categoria.

Os procedimentos são realizados no próprio campus universitário, na sala de Multimídias, localizada na Biblioteca, sem qualquer custo para o servidor. A iniciativa é do Grupo de Estudos em Síndrome Metabólica do De-

partamento de Ciências da Saúde (DCS), em parceria com a Coordenação de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CDRH) da Pró-Reitoria Administrativa e Financeira (Proad).

A Síndrome Metabólica é uma condição em que diferentes fatores de risco cardiovascular estão presentes em uma pessoa, aumentando as chances de ocorrência de problemas do coração e diabetes ao longo do tempo. Os fatores que caracterizam a síndrome são: obesidade, pressão alta, níveis elevados de glicose e de triglicérides e níveis baixos de colesterol bom (HDL).

A coordenação do projeto é do professor Luiz Fernando Ribeiro, do DCS, sendo a equi-



Fotos: Lirnia Bergamo

A equipe do projeto em atividade.

pe formada por estudantes dos cursos de Enfermagem, Biomedicina e Educação Física. A Proad/CDRH incorporou às metas do Setor de Acompanhamento

Social, a elaboração de um sistema integrado e contínuo de ações direcionadas para a melhoria da qualidade de vida do servidor no trabalho.

CDRH e a qualidade de vida no trabalho



Ações priorizam qualidade de vida para os servidores da UESC

Qualidade de Vida é mais do que ter uma boa saúde física ou mental. É estar de bem com você mesmo, com a vida, com as pessoas queridas, enfim, estar em equilíbrio". À luz desse conceito, a Pró-Reitoria de Administração e Finanças (Proad) e a Coordenação de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CDRH) vêm desenvolvendo uma série de ações integradas direcionadas para a qualidade de vida no trabalho do servidor da UESC. Ao longo do ano, estão sendo realizados o encontro mensal de servidores, integração por segmento profissional, exames de pressão arterial e índice de mas-

sa corpórea, acompanhamento por nutricionista, biodança, Tai Chi Chuan, dança de salão, além de cursos de atualização e outras atividades.

"O Programa de Qualidade de Vida no Trabalho visa proporcionar a manutenção ou o restabelecimento de um ambiente de trabalho saudável, em que os servidores da Universidade estejam de bem com a vida, integrados e realizando bem o que bem sabem fazer, porque, afinal, trabalhamos vivendo também", afirmam a professora Eurisa Santana, coordenadora do CDRH, e Rosinei Barros, responsável pela área de Acompanhamento Social.

Proad remaneja para adequar às demandas

A Pró-Reitoria de Administração e Finanças (Proad) está realizando um remanejamento interno na Gerência Administrativa (Gerad), com o objetivo de adequar o fluxo de atividades da área administrativa às demandas da comunidade universitária e à realidade operacional. A reordenação visa também aperfeiçoar os procedimentos na gestão das atividades-meio, assim como promover melhor preservação do patrimônio público, facilitando e proporcionando maior celeridade nos procedimentos realizados pela citada unidade.

Por meio de instrução normativa, o pró-reitor de Administração e Finanças, Ari Mariano (foto), divide em duas áreas a atuação da Gerad, que deixa de existir como tal, criando a Gerência de Serviços e Manutenção (Geser) e a Gerência de Compras e Logística (Gecom). Com es-

sa alteração, a Coordenação de Transporte (Ctran), responsável pela gestão da frota da Universidade, e a Coordenação de Manutenção (Coman), que realiza a manutenção preventiva e corretiva da infra-estrutura predial e redes elétrica e hidráulica, ficam vinculadas à Geser. Subordinada à Geser estão também a Subgerência de Serviços Auxiliares (Susau) e a Agência dos Correios.

Ainda com relação a essas mudanças, a Subgerência de Material (Semat), a Subgerência de Patrimônio (Sepat) e a Coordenação do Almoxarifado (Almox) agora ficam sob a supervisão da Gerência de Compras e Logística (Gecom). Ficar por dentro dessas alterações é

muito importante para toda a comunidade acadêmica, considerando que essas unidades-meio são fundamentais para as atividades administrativas vinculadas à instituição.



“O preconceito linguístico precisa ser reconhecido, denunciado e combatido, porque é uma das formas mais sutis e perversas de exclusão social”.

MARCOS BAGNO

Um panorama lingüístico

Aconteceu na Universidade Estadual de Santa Cruz, entre os dias 19 e 21 de maio, o III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino e I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade, que, dentre diversos temas, abordou o Ensino de Língua Portuguesa, como língua materna, no âmbito da leitura, escrita, oralidade e/ou análise linguística. O evento contou com a participação de renomados pesquisadores, como o Professor Doutor Marcos Bagno (UNB), que presidiu a conferência cujo tema foi “Educação Linguística: balanço de uma década 1998/2008”. A entrevista foi concedida a estudantes de Comunicação Social para o UESC.

Jornal da UESC - As pessoas têm dificuldade em entender e separar o que é letramento e alfabetização. Há alguma diferença? Há um começo e fim para o letramento?

Marcos Bagno - Existe uma diferença. Letramento é um processo muito mais amplo que se inicia e não tem fim porque enquanto a pessoa está viva, aprendendo coisas novas, entrando em contato com a cultura escrita, ela está elevando o seu grau de letramento. A diferença que as pessoas fazem, em geral, é que a alfabetização é aquele processo em que a criança se apodera das técnicas de leitura e de escrita, aprendendo a ler e escrever, usar a ortografia, reconhecer as letras. O letramento é mais amplo no sentido em que significa o uso dessas tecnologias da leitura e da escrita para a inserção do indivíduo na cultura letrada. Então, ler e escrever continuamente diferentes gêneros textuais, estar sempre praticando a cultura escrita, isso faz parte do universo do letramento. Hoje em dia as pessoas ampliam este conceito para adicionar o letramento digital, por exemplo, quando a pessoa se apodera da tecnologia da informática, da comunicação por meio da informática; letramento matemático, que é a capacidade que a pessoa tem de fazer cálculos, de realizar essas operações todas, entre outros. Então letramento é um conceito muito desenvolvido agora na educação lingüística.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) abordam o problema do preconceito lingüístico, reconhecendo a existência de uma diversidade cultural e lingüística no Brasil. Apesar disso, na prática, o respeito à variedade lingüística não se efetiva. Por que isso ocorre?

Porque nós vivemos numa sociedade muito hierarquizada, muito injusta do ponto de vista de distribuição dos bens sociais, e campeã mundial de exclusão social. Aqui no Brasil as diferenças sociais são muito marcadas, são muito agudas, e entre as muitas coisas que marcam essas diferenças está também a questão da linguagem. Enquanto formos uma sociedade pouco democrática, com essas divisões sociais muito rígidas, a questão da língua vai permane-

cer dentro deste processo de hierarquização e discriminação. Então nós, como educadores, temos que denunciar o preconceito lingüístico, mostrar que ele existe, mas ao mesmo tempo reconhecer que é muito difícil fazer essa luta, por conta do tipo de sociedade que a gente vive.

Há algum projeto em andamento para a confecção dessa Gramática do Português Brasileiro?

Existe um grande grupo de lingüistas, que está engajado mais de 20 anos num projeto que se chama “Gramática do Português Falado”. Essas pessoas, de diferentes regiões do Brasil, têm trabalhado com a língua viva, a língua falada, que está coletada em fitas desde a década de 70, resultando num grande número de horas de língua falada gravada. A partir desse material, vários estudos foram feitos, e agora está começando a ser publicada a Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Mas estes materiais ainda são muito técnicos, muito teóricos. Não é para o leigo, não é para ser aplicado em sala de aula. Esses mesmos pesquisadores têm plano de produzir uma gramática mais acessível, mas por enquanto nós ainda não temos, infelizmente, uma obra de referência acessível.

Caso não haja uma forma padrão de falar e escrever no Brasil, as diferenças regionais podem se tornar obstáculos para a boa comunicação?

Não, isso é o que eu chamo de “O perigo de Babel”. A diferenciação dos modos de falar só vai ser muito radical se houver alguma questão política, ou social, muito radical também. Quando o império Romano se desfez, por exemplo, cada uma das regiões ficou muito isolada, sendo conquistadas pelos diferentes povos chamados bárbaros. Então as regiões da Espanha, da França, da Itália ficaram muito isoladas umas das outras, e assim o latim começou a sofrer transformações radicais, transformando-se em línguas completamente diferentes a ponto de não se entenderem. Isso só vai acontecer no Brasil se algum dia a unidade política brasileira for rompida e não houver mais possibilidades de comunicação entre as regiões, o que hoje em dia é praticamente impossível. As possibilidades de co-



vas de falar e de escrever. Uma dica que eu dou para os estudantes de comunicação é que eles procurem conhecer melhor o que é realmente padrão escrito hoje no Brasil. Existem todas aquelas necessidades de comunicação imediata, de um texto imediato, de um texto mais claro, mais objetivo.

Então muitas vezes você fica muito apegado a determinadas regras normativas tradicionais, mas você acaba prejudicando o seu texto. Ele fica empolado, di-

ficil de ler e não comunica aquilo que ele quer. Então existe essa tentativa de respeitar esse padrão antiquado, mas ao mesmo tempo uma liberdade maior na escrita.

Quais os estudos nos quais o senhor está envolvido nesse momento?

Nessa pesquisa eu peguei 25 coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa, que são as coleções que foram aprovadas no último processo de avaliação do Ministério da Educação. São livros da 5ª à 8ª séries, totalizando 100 livros. Eu analiso cada um desses volumes para ver como está o tratamento daquilo que chamamos de “conhecimentos lingüísticos”, para mostrar de que maneira os livros didáticos vêm acompanhados (ou não) de todas essas mudanças propostas no ensino de língua. Posso ver que já existem livros que praticamente abandonam a gramática tradicional e se preocupam mesmo com o letramento dos alunos, com a constituição dos sentidos do texto, coisas muito mais apegadas à tradição normativa, àquelas nomenclaturas, àquelas listinhas de pronomes, àquelas coisas todas. Meu objetivo é ver qual é o panorama real dos conhecimentos lingüísticos nos livros didáticos e, a partir daí, fazer uma análise, escrever alguma coisa que possa até orientar os autores de livros didáticos, para que eles se adaptem melhor às novas propostas de ensino.

Que dica o senhor daria para os futuros comunicólogos e profissionais da mídia que queiram se engajar pelo respeito às variações lingüísticas e no combate ao preconceito lingüístico?

Na mídia, principalmente nos jornais e revistas, acontece certa questão de esquizofrenia lingüística, porque existem aquelas colunas que ficam tentando preservar esse modelo antiquado de língua, mas ao mesmo tempo temos a prática dos jornalistas, cujos textos já refletem o que é de fato o Português Brasileiro Contemporâneo Escrito. Existe aí uma diferença muito grande. Você pega quinta-feira, por exemplo, a Folha de São Paulo em que tem a coluna do Pasquale de um lado, e no resto do caderno você tem textos em que aparecem exatamente aquelas coisas que ele condena. Como o movimento de transformação da língua é inevitável, não adianta ficarem meia dúzia de pessoas gritando que isso é errado, que é preciso falar “assim”, é preciso falar “assado”. Os falantes da língua acabam passando por cima disso e impondo as formas no-

Ditadura e democracia são faces da mesma moeda. A nossa escolha é que faz a diferença.

Extensão
proex@uesc.br

Nesep promove colóquio sobre inclusão sociodigital

EVENTO ATRAIU PERSONALIDADES, ACADÊMICOS E ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS

A conferência da doutora Cecília Leite, coordenadora geral do Programa de Inclusão Digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/MCT) abordando o tema “Ciência, Tecnologia e Informação para a Educação no Século XXI”, abriu o I Colóquio de Inclusão Sociodigital da Bahia. Realizado no dia 12 de junho, numa iniciativa do Núcleo de Estudos Sociedade, Educação e Políticas Públicas (Nesep), vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESC, o evento discutiu a situação atual e as perspectivas da inclusão sociodigital no

Estado; ações de inclusão sociodigital na Região Sul da Bahia e programas de inclusão digital nas universidades públicas baianas. Relatos de experiências de inclusão digital nas escolas e estudos de casos relacionados à tecnologia, educação e cidadania constaram também das atividades.

Na abertura, a professora Vera Mendonça, coordenadora do colóquio, disse que o evento é um passo importante para o debate sobre as políticas de inclusão sociodigital dos governos federal e estadual, os programas de inclusão existentes nas universidades públicas e sua contribuição para a sociedade, além

dos resultados de investigações em torno do tema. Devido à sua abrangência, o colóquio atraiu personalidades como Anaiza Gaspar, coordenadora do Projeto Mapa Digital do IBICT, Joaquim Galo, coordenador do Programa de Inclusão Sociodigital da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Bahia, e Penildon Silva Filho, diretor do Instituto Anísio Teixeira (SEC), professores, acadêmicos, estudantes e representantes de escolas públicas de Ilhéus e Itabuna.



Maios de 68 inspira debate



O regime de exceção, os conflitos e a agitação cultural que marcaram o período entre a deposição de João Goulart (abril de 1964) e a eleição de Tancredo Neves (1985), têm como referência maior o maio de 1968. Isto porque aquela data marcou o auge de um momento de intensas transformações políticas e comportamentais na segunda metade do século XX, no Ocidente. E o Brasil não ficou imune a esse fenômeno sócio-político. Aqui, também, maio de 68 foi caracterizado pelo movimento estudantil contra o regime militar então vigente: passeata, protestos, repressão, luta armada, prisões, assassinatos.

Na UESC, essa efervescência histórica inspirou o seminário “Maio de 68: ditadura, conflitos e efervescência cultural”, organizado pelos alunos do sétimo semestre do Curso de História, através da disciplina História do Brasil III, ministrado pela professora Kátia Vinhático. A palestra “Os significados dos maio de 1968”, proferida pelos professores Luiz Américo e Rogério Rosa Rodrigues, no dia 27 de maio, marcou o evento, que incluiu oficinas, mostra de filmes e atividades culturais. Como saldo de tudo isso, a certeza: ditadura e democracia são faces da mesma moeda. A nossa escolha é que faz a diferença.

VIII Semana de Filosofia

Estética e idealismo alemão



O pensamento alemão, fundamental na estética e idealismo, foi a tônica da VIII Semana de Filosofia que o Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) promoveu, de 28 a 30 de maio, no auditório Jorge Amado, no campus universitário. O evento, dirigido a profissionais e estudantes de Filosofia, foi aberto também aos docentes e discentes dos demais cursos da área de Ciências Humanas, a exemplo de Sociologia, História, Comunicação, Psicologia e Artes.

As conferências, mesas-redondas e minicursos realizados

por professores convidados de diversas universidades brasileiras e da UESC, proporcionaram aos participantes momentos enriquecedores com a estética e o idealismo alemão representados por Hegel, Nietzsche, Schiller, Herbert Marcuse e outros pensadores. A conferência de abertura, sobre o tema “A querela do teatro no século XVIII: Voltaire, Rousseau, Diderot”, foi proferida pelo professor doutor Luiz Fernando Franklin de Matos, USP (no destaque). Os professores Fernando Barros e Carla Milani, integraram a comissão organizadora do evento.



ismo alemão representados por Hegel, Nietzsche, Schiller, Herbert Marcuse e outros pensadores. A conferência de abertura, sobre o tema “A querela do teatro no século XVIII: Voltaire, Rousseau, Diderot”, foi proferida pelo professor doutor Luiz Fernando Franklin de Matos, USP (no destaque). Os professores Fernando Barros e Carla Milani, integraram a comissão organizadora do evento.

"A formação de famílias escravas foi uma maneira de manter a pacificação na senzala"

MARY ANN MAHONY

Pesquisadora contesta mito da historiografia regional

DOIS MITOS QUE PREVALECERAM DURANTE ANOS JÁ NÃO SE SUSTENTAM NOS DIAS ATUAIS

Um deles, o de que a cultura do cacau não fez uso do braço escravo. O outro, que os escravos africanos e seus descendentes não constituíam famílias. A negação disso está no trabalho da pesquisadora Mary Ann Mahony, "Escravidão em Ilhéus no Século XIX – família, roça e resistência", cuja versão em inglês foi publicada numa revista especializada, no exterior. PhD, em História, pela Universidade de Yale, EUA, a tese de Mahony, resultante de pesquisa, em Ilhéus, sobre família escrava, tem o título de "Mundo Feito pelo Cacau: sociedade, política e história do Sul da Bahia, Brasil, 1822/1919".

Na palestra feita para professores e estudantes de História da Universidade Estadual de Santa Cruz, dia 3 de junho, ela disse que a historiografia antiga, predominante até a década de 70 do século XX, sobre a inexistência de famílias escravas nas Américas, por causa da repressão do sistema escravocrata, não prevalece.

Pesquisas recentes em documentos do século XIX mostram que, naquela época, os africanos e seus descendentes conseguiram formar famílias no Continente Americano, como uma estratégia de sustentação dentro do sistema vigente. Isso não foi diferente no Caribe, nos engenhos de açúcar de Sergipe e do Recôncavo, no Sul da Bahia ou nas fazendas de café de São Paulo. Longe de reprimir a união

estável entre as pessoas escravizadas, o proprietário escravocrata estimulava a formação de famílias como uma maneira de manter a pacificação na senzala, frente às fugas e rebeliões.

Em pesquisas realizadas em documentos forenses, em registro de batismos da Cúria de Ilhéus, no Arquivo Público do Estado da Bahia, na biblioteca da Fundação Clemente Mariani, em Salvador, e em outras fontes, Mary Mahony levantou o histórico completo de várias famílias de pessoas escravizadas em Ilhéus. No recenseamento de 1872, ela encontrou o levantamento da população escravizada – africanos e descendentes – homens, mulheres, meni-



Fotos: Marcos Maurício

Texto da professora Mary Mahony sobre o tema será publicado no próximo número da revista "Especiarias" da UESC.

nos e meninas que eram utilizados como mão de obra nas fazendas de cacau.

Na segunda metade do século XIX, diante da escassez de mão de obra na região, os proprietários rurais permitiam que homens e mulheres escraviza-

dos mantivessem pequenos plantios de cacau, mandioca e outros cultivos em suas propriedades. E muitas dessas roças serviram como moeda-de-troca para a conquista da liberdade (alforria) de famílias escravizadas, antes da Lei Áurea.

Livro reivindica "Um Lugar na História de Ilhéus"



O professor Marcelo Dias fez a apresentação do livro.

Mais um livro focado na história regional foi lançado pela Editus – Editora da UESC. O título **Um Lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau** resume os textos dos pesquisadores/historiadores Ângelo Alves Carrara,

Marcelo Henrique Dias, Fernanda Amorim da Silva, Neila Oliveira da Silva e Henrique Jorge Buckingham, apresentados com o intuito de desmistificar a história sócio-econômica da capitania no período de 1700-1850.

O projeto de pesquisa foi desenvolvido no Cedoc –

Centro de Documentação da UESC, em parceria com o Núcleo de História Econômica e Demográfica da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Segundo o professor Marcelo Dias, o maior objetivo da publicação é "sobretudo reivindicar um "lugar" na história (historiografia) para este lugar – a capitania/comarca de Ilhéus – que mesmo à margem da economia açucareira existiu como um espaço econômico importante no âmbito do sistema colonial e da economia baiana à época do Império."

Além do lançamento ocorrido na UESC, o livro foi lançado também na Academia de Letras de Ilhéus, no último dia 19 de junho. E no dia 28, deste mês, a capitania completa 474 anos de fundação.

MUDANÇAS NO ESTADO

A reforma administrativa na área do Estado começou pela Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), que passa a chamar Sema – Secretaria do Meio Ambiente, assumindo as atribuições na área ambiental. Com a publicação da Lei 11.050, de 10/6/2008, mudam também os órgãos da administração indireta. O Centro de Recursos Ambientais (CRA), agora é Instituto do Meio Ambiente (IMA); a Superintendência de Recursos Hídricos (SRH) muda para Instituto de Gestão das Águas e Clima (Ingá) e a Companhia de Engenharia Rural da Bahia (Cerb) torna-se Companhia de Engenharia Ambiental da Bahia, mantendo a mesma sigla. Na administração direta, as superintendências de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável (SDS) e de Biodiversidade, Florestas e Unidades de Conservação (SFC) passam a ser Superintendência de Políticas para a Sustentabilidade (SPS) e Superintendência de Políticas Florestais, Conservação e Biodiversidade (SFC).

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Comunidades do Litoral Sul, Baixo Sul e Médio Rio de Contas reuniram-se na UESC, dia 8, ao lado de profissionais de imprensa, para participar da Plenária Regional de Comunicação Social, evento preparatório da 1ª Conferência de Comunicação Social da Bahia, prevista para 14, 15 e 16 de agosto, em Salvador.



Foi a segunda plenária regional, de um total de oito, que acontecem em 26 territórios de identidade da Bahia. Delas sairão os 240 delegados que representarão os 417 municípios baianos na conferência estadual, cujo objetivo é reunir profissionais, estudantes e integrantes da sociedade civil organizada para discutir a formulação de políticas públicas para a comunicação no Estado. A plenária foi aberta pelo Assessor Geral de Comunicação, Robinson Almeida.

EDUCAÇÃO GEOAMBIENTAL

Aconteceu, na cidade de Ipiaú, o II Seminário de Educação Geoambiental, iniciativa do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães e da Faculdade Santo Agostinho, comemorativo da Semana do Meio Ambiente. Centrado no tema "Meio Ambiente e Cidadania", o evento promoveu discussões sobre a temática e sua relação com o comportamento da humanidade, e debateu determinantes para a construção de uma sociedade consciente de sua participação no espaço-contexto em que está inserida. A UESC, através do Mestrado em Cultura e Turismo e do boletim Informe Geográfico, apoiou a comissão organizadora do seminário. A palestra de abertura, dia 5, abordou "Meio Ambiente e Cidadania: uma reflexão sobre ética e práticas sociais no ambiente", proferida pelo professor Natanael Reis Bonfim (foto), do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade. O mestrando em Cultura e Turismo, pela UESC, Saulo Rondinelli, foi o coordenador do evento.

**FLORES & CORAL**

Com um recital de 30 minutos, o Coral da Universidade participou da abertura da exposição Ilhéus em Flor – Feira de Flores de Holambra, instalada de 12 a 22 de junho, na Av. Soares Lopes, em Ilhéus. Além da expo/feira de flores, mudas e arranjos florais, o evento foi marcado por manifestações culturais com a participação de artistas regionais. O público, atraído pela beleza das flores e os preços acessíveis, prestigiou o projeto. Um outro objetivo da iniciativa foi arrecadar fundos para os projetos assistenciais mantidos pela Casa da União, em bairros periféricos de Ilhéus, e homenagear a cidade no mês do 474º aniversário de sua fundação. O Coral da UESC tem como diretora e regente a profª Tereza Ferraz e a maestrina Solange Skromov, respectivamente.



"A Mata Atlântica do leste do Brasil é um dos três centros de endemismo e abundância da subfamília Bromelioideae".

JOICE RODRIGUES DE MENDONÇA REIS

Pesquisa
ascom@uesc.br

Bromélias ameaçadas de extinção

A RICA BELEZA DAS BROMÉLIAS ATLÂNTICAS É FRÁGIL E ESTÁ EM PERIGO



Fotos: Divulgação

Ao defender dissertação para o Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (MDRMA), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sobre a "Diversidade das Bromélias do Parque Estadual Serra do Conduru", no contexto da Mata Atlântica do Sul da Bahia, a professora Joice Rodrigues de Mendonça Reis adverte quanto ao risco de extinção dessas espécies.

De acordo com a professora, "além das muitas funções ecológicas, a família Bromeliaceae possui inúmeros atributos para ornamentação com coloridos e contrastes exóticos, folhagens exuberantes e diversos tamanhos, que ressaltam a importância da conservação e identificação das espécies que ocorrem nesta região, onde há forte pressão de fragmentação e conseqüente perda de espécies."

O objetivo do trabalho de pesquisa foi listar as espécies de Bromeliaceae ocorrentes na área do Parque Estadual Serra do Conduru (PESC) e indicar as espécies que possuem potencial

para cultivo. Joice Reis encontrou 34 espécies, 12 gêneros, no total de 1.065 grupos registrados no PESC. Das espécies registradas, quatro já são comercializadas no Sudeste País.

A professora realizou um levantamento florístico de Bromeliaceae, através de transectos (determinação do tamanho e local da área de amostragem) com parcelas alternadas em três áreas de mata, uma área de mata madura e duas áreas de mata secundária. O potencial para ornamentação foi estimado a partir de listas de espécies já comercializadas e cultivares descritos pelo Ministério da Agricultura, comparadas às espécies listadas para o PESC.

Onde - O Parque Estadual Serra do Conduru tem aproximadamente nove mil hectares. É uma unidade de conservação de proteção integral e abriga importantes remanescentes de Mata Atlântica, localizada entre os municípios de Ilhéus, Uruçuca e Itacaré. A família Bromeliaceae se distribui exclusivamente na região Neotropical com a ressalva de uma única espécie ocorrente no oeste da África. A Mata Atlântica do leste do Brasil é um dos três centros de endemismo e abun-

dância da subfamília Bromelioideae.

Quem - Joice Rodrigues de Mendonça Reis possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Lavras e mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela UESC. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Extensão Rural, atuando, principalmente,

nos temas Biodiversidade, Botânica e Bromeliaceae. Bolsista de Extensão do CNPq - Nível 3, o trabalho "Diversidade de Bromeliaceae em fragmentos florestais do Parque Estadual Serra do Conduru (Sul da Bahia)", teve como orientadora a doutora Talita Fontoura, bolsista da Deutscher Akademischer Austauschdienst, DAAD, Alemanha.

Ouvidorias públicas integradas em rede

A realização do 1º Fórum de Ouvidorias Públicas do Estado da Bahia, em Salvador, marcou a criação da Rede de Ouvidorias Públicas. O evento (dia 4), teve como objetivo debater questões teóricas e práticas sobre a atuação dos órgãos que compõem a rede de ouvidorias públicas da Bahia e sobre como esse setor pode potencializar a cidadania e tornar-se um instrumento mais eficiente para garantir a participação popular na administração pública.

A Ouvidoria Pública da UESC, representada pela professora Maria Luiza Silva Santos, participou do Fórum baiano, que contou com expositores de renome na área, como a doutora Eliana Pinto, Ouvidora Geral da União, o presidente da Associação Nacional de Ouvidorias Públicas e ouvidor da Anatel, Aristóteles Santos, e o Ouvidor Geral do Estado da Bahia, Jones Carvalho.

Cerca de 250 pessoas – servidores das unidades de ouvidorias, profissionais, estudantes e representantes da sociedade civil – tiveram a



Profª Maria Luiza e Weber Leone, da Coordenação de Ouvidorias Especializadas e Projetos

oportunidade de um intercâmbio de experiências e planos de aperfeiçoamento da atuação do sistema. Segundo a professora Maria Luiza, a Rede de Ouvidorias Públicas da Bahia é "um sistema que visa facilitar e agilizar o desempenho das 87 ouvidorias especializadas do governo estadual, e que estará integrando também oito ouvidorias municipais". O fórum estadual foi preparatório para o 1º Fórum Internacional de Ouvidorias Públicas, previsto para março de 2009, em Brasília.

